

Condillac, em busca do princípio: ligação de ideias ou prazer?

Carlota Ibertis¹
Universidade Federal da Bahia – UFBA, Bahia, Brasil

*Rigorosamente, a leitura do Traité
deveria preceder a do Essai.*
L.R. Monzani

Resumo: O presente texto propõe-se examinar, à luz da interpretação de Luiz Roberto Monzani, as relações entre o princípio de ligação de ideias apresentado no *Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos* (1746) e o de prazer estabelecido no *Tratado das sensações* (1754) de modo a, por um lado, problematizar se este realmente substitui o primeiro na fundamentação do pensamento de Condillac ou se, como defendemos, ambos se complementam; por outro, considerar as consequências do anterior para a concepção de sujeito.

Palavras-chave: Sensualismo; ligação de ideias; signos; prazer; princípio.

Abstract: This text proposes to examine, in the light of Luiz Roberto Monzani's interpretation, the relationship between the principle of connection of ideas presented in the *Essay on the origin of human knowledge* (1746) and that of pleasure established in the *Treaty of sensations* (1754) in order to, on the one hand, problematize whether this really replaces the first in the foundation of Condillac's thought or if, as we argue, both complement each other; on the other hand, to consider the consequences of the above for the conception of the subject.

Key-words: Sensationism; connection of ideas; signs; pleasure; principle.

1. Introdução

Além dos estudos canônicos – Le Roy (1947), Cassirer (1932), Mondolfo (1902, 1963) dentre outros, que salientaram a importância do *Tratado das sensações* – desenvolveram-se, a partir dos anos oitenta, leituras cujo foco é a concepção da linguagem sustentada pelo autor no *Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos* e em obras posteriores como *Gramática, Lógica e A Língua dos cálculos*. Nelas há uma clara reivindicação quanto à relevância do filósofo como um pensador que antecipa perspectivas contemporâneas centradas na linguagem².

1 Autora e Organizadora: IBERTIS, C. (Org.) et al. *Filosofia e Psicanálise: olhares sobre Arte e Literatura*. (EDUFBA, 2020) e autora de *Condillac e Freud: o prazer enquanto princípio*. In: Monzani, Luiz Roberto; Soria, Ana Carolina Soliva. (Org.). *Freud: Filosofia e Psicanálise*. (EDUFSCar, 2019).

2 *Connaissance et langage chez Condillac* de Nicolas Rousseau (1986), *Condillac et les problèmes du langage*, dirigida por Jean Sgard (1982) e *Condillac, l'origine du langage*, coordenada por Aliénor Bertrand (2002) enfatizam o papel



No Brasil, as recentes traduções de diversos textos condillacianos³ sobre a temática da linguagem e o conhecimento junto às respectivas análises (PIMENTA, 2016 e 2018) e (SALLES, 2016 e 2018) renovam os estudos sobre o filósofo sem esquecer a relação com o *Tratado*. Em outra direção, autores como Duchesneau (1999), André Charrak (2014) e Marion Chottin (2014) põem em evidência questões sobre a reflexão, a ligação de ideias entre si e a ligação de ideias com os signos no *Ensaio*.

Variações na valoração de cada um dos textos à margem, entre o *Ensaio* e o *Tratado*, há uma relação que requer explicitação, uma vez que grande parte dos assuntos do primeiro são retomados no segundo (LE ROY, 1947, p. XVII; MONZANI, 1993, p. 14). Em seu “Empirismo na radicalidade: Introdução à leitura do *Tratado das sensações*”, Monzani identifica três razões pelas quais Condillac teria escrito o *Tratado*: em primeiro lugar, a necessidade de levar as hipóteses presentes no *Ensaio* às últimas consequências, esclarecendo dúvidas e pontos obscuros; em segundo, responder a pergunta, proposta por Diderot, acerca de como podemos chegar à noção de existência externa se o ponto de partida é algo subjetivo como a sensação; e por último, – ainda que não menos importante – encontrar o fator que motiva e determina o desenvolvimento mental que deve estar presente desde o início, ou seja, na sensação da qual tudo deriva (*Ibid.*, p. 14-19).

Do ponto de vista da primeira razão mencionada por Monzani, entre os dois textos existe uma relação de continuidade manifesta na radicalização do pensamento do primeiro no segundo acerca das fontes do conhecimento. Todavia, acerca do tema da linguagem, há entre ambos um impasse. No *Ensaio*, essa é concebida como fundamental para o desenvolvimento mental (CONDILLAC, 2014, p. 62). Já o *Tratado* desenvolve a gênese das ideias e faculdades como momento pré-linguístico. Assim, embora o método analítico-genético, através dos seus momentos de decomposição e de composição, conduza em ambos textos à explicação a partir de um princípio, este, curiosamente, não será o mesmo. Enquanto que o *Ensaio* estabelece a ligação de ideias como princípio regente do nascimento das ideias e das operações mentais, o *Tratado* introduz o prazer e a dor como origem e fundamento da vida mental. Como entender tal divergência? Poder-se-ia pensar que se trata simplesmente de uma evolução na maneira de pensar, não fosse que em *A arte de pensar*, obra posterior ao *Tratado*, Condillac volta a referir-se à ligação de ideias como o princípio da vida mental (CONDILLAC, 1947, p. 757).

Ora, de acordo com o estabelecido no *Tratado dos sistemas*, um princípio deve ser um fato bem constatado que permita explicar um número variado de verdades ordenando-as de forma sistemática (CONDILLAC, 1947, p. 122). Notemos que não se trata de uma definição, mas de um fato que adquire o valor de princípio por seu caráter explicativo e organizador das verdades particulares. O sistema assim fundado terá um maior grau de perfeição quanto menor for o número de princípios sobre os que se assenta (BERTRAND, 2002, p. 39). Dada essa premissa, o projeto intelectual de Condillac implica em estabelecer um único princípio como *origem e fundamento* da vida da alma (CHARRAK, 2014, p. 5). Em outras palavras, trata-se de encontrar um fato que tenha caráter inicial no desenvolvimento das ideias e das capacidades mentais e que cumpra, ao mesmo tempo, o papel de determiná-lo (CONDILLAC, 1947, p. 123).

Dessa perspectiva e a procura de compreender o desacordo, o presente texto visa, em primeiro lugar, apresentar as noções de princípio no *Ensaio* e no *Tratado* para, a seguir, examinar as dificuldades ou os impasses em torno de uma e outra concepção. Como nos ensina Monzani, acompanhemos o movimento desse pensamento.

fundamental da linguagem na obra do filósofo, considerando o *Ensaio* o momento fundamental na sua reflexão sobre o tema.

3 Cf. Condillac (2016, 2018, 2022).



2. O princípio da ligação de ideias no *Ensaio*

Inserido em um projeto de radicalização do empirismo de Locke, o objeto do *Ensaio* é o estudo do espírito humano, não para descobrir a sua natureza, mas para conhecer as suas operações por meio de observação. Com esse objetivo, Condillac propõe-se remontar à origem das ideias e, refazendo desde esse ponto a sua gênese, estabelecer a extensão e os limites dos conhecimentos (CONDILLAC, 2014, p. 62). O primeiro passo a seguir pelo filósofo, então, reside em descobrir uma primeira experiência que baste para explicar todas as outras. Com vistas a superar o dualismo postulado por Locke quanto às fontes do conhecimento – sensação e reflexão –, tudo o que concerne ao entendimento humano deverá ser reconduzido a um tal princípio que não pode consistir em “proposições vagas ou abstratas”, mas em uma “experiência constante” que, como já antecipado, determine uma origem genética dos conhecimentos e um fundamento metódico para a constituição do saber” (DUCHESNEAU, 1999, p. 55).

Na mesma introdução ao *Ensaio*, Condillac adianta a sua tese fundamental: o princípio procurado é a “*liaison des idées*” (CONDILLAC, 2014, p. 62) qualificado como “o princípio mais simples, o mais luminoso e o mais fecundo” (*Ibid.*, p. 322). Todavia, a ligação de ideias entre si pressupõe, em um nível mais alto – ou mais profundo, a depender da perspectiva –, a conexão das ideias com os signos⁴ (DUCHESNEAU, 1999, p. 54). Após ter descrito o processo pelo qual se originam as operações mentais, Condillac comenta acerca da sua abordagem. Lemos no *Ensaio*:

A principal vantagem que resulta da maneira em que eu abordei as operações da alma, é que se vê com evidência como o bom senso, o espírito, a razão e seus contrários nascem igualmente de um mesmo princípio, que é a ligação de ideias, umas com as outras; que remontando ainda mais alto, se vê que essa ligação é produzida pelo uso de signos. Eis o princípio. (CONDILLAC, 2014, p. 139)

A gênese acontece com base nos seus materiais que são as impressões sensíveis e as operações da alma. Se considerarmos uma primeira percepção, temos uma impressão simples cuja causa ocasional é o sentido correspondente afetado pela presença de algum objeto. Dela nascem três operações possíveis: essa impressão considerada como advertência para a alma da sua presença é a consciência; se ela é a única a estar presente na alma, é a atenção; e, se tal impressão se faz conhecer como já tendo afetado à alma, é a reminiscência.

Esta última operação resulta da ligação que conserva a sequência das percepções atuais e passadas entre si juntamente com o sentimento do próprio ser. Para o filósofo, essa ligação é a primeira experiência suficiente para explicar todas as outras experiências (*Ibid.*, p. 88). Ela é o fundamento da experiência em geral, pois se a ligação entre as percepções atuais, as passadas e o sentimento do próprio ser não se conservar, tampouco haveria como reconhecer que aquelas correspondem ao mesmo eu e, desse modo, cada momento representaria um novo início.

A partir dessa experiência, todas as operações são derivadas pelo efeito de novas ligações de impressões e a atenção dispensada a estas. Assim, a imaginação, que enquanto operação consiste em trazer novamente à alma uma percepção sem o objeto estar presente, origina-se da ligação que a atenção estabeleceu entre tal percepção e um outro objeto de modo que ao estar presente este, a percepção ligada se rerepresenta (*Ibid.*, p. 90). Diferente da anterior, a memória consiste em recuperar o nome e circunstâncias do objeto ausente, mas não a sua percepção. Com isso, Condillac – em oposição a Locke – distingue entre recuperar

4 Condillac distingue três tipos de signos: a) os acidentais – os objetos que circunstancialmente ficaram ligados algumas das nossas ideias –; b) os naturais – os gritos que a natureza estabeleceu para os sentimentos de alegria, de medo, de dor, etc. –; c) os de instituição – os que o ser humano escolheu sem nenhuma outra relação com as ideias que não seja arbitrária (2014, p. 100).



uma percepção, ação própria do imaginar, e lembrar-se dela, operação própria da memória, possível pela mediação de signos arbitrários sem necessidade da primeira (*Ibid.* p. 90-91).

Da ligação que a atenção estabelece entre ideias e a par da imaginação e da memória, surge também a contemplação entendida como a operação de conservar sem interrupção a percepção, o nome ou as circunstâncias de um objeto que acaba de desaparecer. Relacionando-se com a imaginação ou com a memória respectivamente, essa nova operação pode referir-se tanto às percepções quanto aos nomes e circunstâncias (*Ibid.*, p. 92).

Em geral, a atenção liga ideias apresentadas juntas ao espírito. Porém, há certas coisas que atraem mais nossa atenção por que se relacionam com nosso temperamento, nossas paixões, nosso estado, em síntese, com as nossas necessidades. Dessa maneira, as diversas ligações vão estabelecendo cadeias de ideias: a atenção liga ideias de coisas com ideias das necessidades por essas satisfeitas. À ideia de uma necessidade liga-se a ideia de uma coisa que a satisfaz; a essa ideia liga-se a do lugar em que essa coisa se encontra; por sua vez, a esta se liga a ideia das pessoas ou outros objetos que se encontram também nesse lugar; a estas liga-se a ideia dos prazeres e desprazeres ocasionados por esses, e assim por diante. As ideias fundamentais, formadas pela ligação entre uma necessidade e o objeto que a satisfaz, estabelecem com as outras ideias vinculadas novas cadeias que se separam para convergir em novos anéis, constituindo em última instância uma única cadeia com diversos anéis (*Ibid.*, p. 97).

Do anterior, Condillac conclui que, em primeiro lugar, o poder de despertar nossas percepções ou os nomes das coisas percebidas ou suas circunstâncias vem unicamente da ligação que a atenção criou entre as coisas e as necessidades às que elas se relacionam. Em segundo lugar, que, destruída tal ligação, ficam destruídas a imaginação e a memória (*Ibid.*, p. 98). Em terceiro lugar, que quando uma ou mais das ideias fundamentais dessas cadeias se apresentarem, outras das mesmas cadeias serão recordadas; mas, também, que ideias podem ser trazidas à mente pela imaginação ou pela memória somente se ligadas a outras ideias já presentes. Dessa maneira, a ligação de ideias é o fundamento da geração das operações ou capacidades mentais.

Quanto à constituição das ideias, a operação de lhes atribuir signos resulta da combinação da imaginação que apresenta ao espírito signos ainda não usados e da atenção que os liga às ideias que se querem nomear (*Ibid.*, p. 149). O abade exemplifica a necessidade do uso de signos fazendo alusão às ideias de números pois é ilusório pensar que essas, separadas de seus signos, sejam algo claro e determinado. Apenas o nome ou signo ligado pode reunir no espírito muitas unidades:

Se alguém me perguntar o que é mil, que posso responder senão que essa palavra fixa em meu espírito uma certa coleção de unidades? Se ainda me interrogar sobre esta coleção, é evidente que é impossível fazer percebê-la em todas suas partes. Me resta apenas apresentar-lhe sucessivamente todos os nomes que se inventaram para significar as progressões que a precedem. Devo ensinar-lhe a acrescentar uma unidade a outra, e a reuni-las pelo signo *dois*; uma terceira às duas precedentes, e a liga-las ao signo *três* e assim por diante. Por essa via, que é a única, eu o conduzirei de números em números até mil. (*Ibid.*, p. 151-152)

De maneira semelhante, os signos servem para refletir acerca de outras agrupações de ideias simples. Com efeito, o conjunto de ideias simples relativas às qualidades reunidas na ideia complexa de uma substância é designado por uma palavra. Retomando o exemplo usado por Locke, para fazer referência de modo abreviado a um corpo sólido, maleável, amarelo, solúvel em água régia etc. inventa-se o signo *ouro*. No caso de ideias complexas mais afastadas da experiência sensível como as relativas à moral ou ao direito é ainda mais notável a necessidade dos signos. Condillac sintetiza: “Para ter ideias sobre as quais possamos refletir, temos necessidade de imaginar signos que sirvam de laços às diferentes coleções de ideias simples, e que nossas noções são exatas apenas na medida em que inventamos com ordem os signos que devem fixá-las”. (*Ibid.*, p. 154)



O grau de independência assim alcançado em relação aos objetos será ultrapassado pelo aumento progressivo no uso de signos que desemboca no nascimento da operação de reflexão (*Ibid.*, p. 106). Dessa maneira, no concernente à presença efetiva dos objetos, a passagem da imaginação à memória e desta à reflexão estabelece uma crescente independência devido a novas e mais numerosas ligações entre signos e ideias. Tal proliferação de ligações redundará em um maior domínio sobre as percepções ao ponto de parecer “como se tivéssemos o poder de produzi-las e anulá-las” (*Ibid.*, p. 108).

Embora de forma incipiente, a teoria do uso dos signos esboçada no *Ensaio* explica os progressos das faculdades mentais humanas e a possibilidade de ultrapassar o uso meramente passivo das mais básicas tornando possíveis as capacidades superiores do entendimento (*Ibid.*, p. 9). De acordo com Pimenta, Condillac tem razão quando insiste em que Locke não teria compreendido a que ponto a formação do conhecimento dependeria, segundo a sua própria teoria, do uso de signos, nem em que medida estes instauram um conhecimento próprio e independente de ideias sensíveis (*Ibid.*, p. 13-14).

Nesse sentido, este aspecto da crítica a Locke reflete a relevância teórica dos signos para a concepção condillaciana cuja elaboração, juntamente com a referência à ligação de ideias, é retomada em textos posteriores ao *Tratado*. Em suma, no *Ensaio*, a gênese das operações e dos conhecimentos está baseada no processo descrito até aqui, sempre regido pela ligação de ideias entre si e das ideias com os signos.

3. O princípio do prazer no *Tratado*

Entre os pontos a revisar no *Ensaio* que levaram Condillac a escrever o *Tratado* se encontra a suspeita de ter concedido demasiado aos signos. Em uma carta a Maupertius, datada em 25 de junho de 1752, Condillac admite ter atribuído demasiado aos signos no texto de 1746. A esse respeito, Le Roy observa em uma nota que o pensamento do filósofo evoluiu entre o *Ensaio* e o *Tratado* (CONDILLAC, 1947, v. II, p. 536). Em relação essa observação, Derrida nos adverte acerca da necessidade de analisar prudentemente o sentido do comentário de Condillac (DERRIDA, 1973, p. 75). Sigamos o conselho.

No *Tratado*, o filósofo introduz a conhecida ficção da estátua. Organizada interiormente como o ser humano, mas recoberta de uma camada de mármore que será retirada à medida que os diversos canais dos sentidos forem sendo abertos um a um. Tendo solicitado a quem for ler se pôr no lugar da estátua e de acompanhar passo a passo a aquisição de capacidades e ideias, Condillac reconstrói o processo descrito no texto de 1746 com certas mudanças. Dentre essas, atentemos para aquelas mais relevantes para o que nos ocupa.

Em primeiro lugar, o processo da estátua é solitário, sem a pressuposição de nenhuma interação, nem contato com outros seres iguais a ela e, portanto, sem uso de signos arbitrários. Em segundo lugar, e decorrente do anterior, a memória, entendida como atenção ativa que conserva as sensações enquanto passadas, está constituída por encadeamentos de ideias sem pressupor o uso de signos (CONDILLAC, 1993, p. 69). Em terceiro lugar, a noção de sensação deixa de ter em si função representativa, sendo definida como simples modo de ser ou modificação que contempla, além da qualidade sensível específica segundo o sentido estimulado, algum grau de prazer ou de dor⁵ (*Ibid.*, p. 63 e 70). Por sua vez, as ideias diferenciam-se das sensações simplesmente por serem lembranças destas (*Ibid.*, p. 47) sem que requeiram nem reflexão, nem uso de signos.

5 Condillac usa a palavra *douleur* e menos frequentemente *peine*. Em português usa-se, de maneira mais genérica, o termo desprazer. Considerando uma continuidade entre os extremos de prazer e dor, usamos eventualmente esse termo quando se trata salientar simplesmente a oposição ao termo positivo de prazer sem se tratar de um grau extremo de desprazer.



Quanto à questão de estabelecer um fato como princípio, à diferença do *Ensaio* em que é postulada a *liaison des idées*, no *Tratado*, tanto conhecimentos quanto capacidades mentais desenvolvem-se a partir das transformações das sensações orientadas pela expectativa de obter prazer e fugir da dor (*Ibid.*, p. 65). Presente desde o início, essa orientação é concebida como um verdadeiro princípio teleológico: o prazer orienta toda a dinâmica mental no que diz respeito às ideias e aos conhecimentos em geral, incluídos os desejos que conduzem o comportamento:

Enfim, se consideramos que não existem sensações absolutamente indiferentes, concluiremos também que os diferentes graus de prazer e dor são a lei pela qual se desenvolveu o germe de tudo o que somos, para produzir todas as nossas faculdades. [...] Com efeito, nossas primeiras ideias não passam de dor ou prazer. Logo outras se sucedem e dão lugar a comparações, donde nascem nossas primeiras necessidades e nossos primeiros desejos. Nossas tentativas de satisfazê-los levam a adquirir outras ideias que produzem outros novos desejos. O espanto, que contribui para que sintamos vivamente o que de extraordinário nos acontece, aumenta de tempos em tempos a atividade de nossas faculdades; e forma-se uma cadeia cujos elos são, alternadamente, ideias e desejos, e que basta seguir para descobrir o progresso de todos os conhecimentos do homem. (*Ibid.*, p. 92)

Assim, o sujeito – representado pela ficção da estátua – lembra, imagina, deseja e age, buscando prazer e evitando a dor. Como salienta Aliénor Bertrand, Condillac dá um valor novo a um princípio já conhecido: não se trata apenas de afirmar que os seres vivos visam alcançar o prazer e fugir da dor, mas de evidenciar de que forma o prazer/desprazer é um princípio suficiente para explicar a geração tanto de todas as operações da alma como de todas as ideias (BERTRAND, 2002, p. 38).

Com efeito, para o filósofo, é pelo prazer e desprezer que todas as operações da alma surgem progressivamente, elevando a estátua do *Tratado* a todos os conhecimentos de que vai sendo capaz (CONDILLAC, 1993, p. 65). É o prazer que a põe em movimento na procura das sensações a ele associadas ou na fuga daquelas que são ocasião de dor. Em síntese, enquanto princípio, o prazer funciona tanto na geração das faculdades quanto na construção do conhecimento, o encadeamento das ideias determinando, ainda, o conjunto das ações (*Ibid.*, p. 235).

O alcance do papel atribuído por Condillac ao prazer pode ser melhor compreendido se levarmos em conta, como salienta Monzani, que a estátua não sente prazer porque alcança algo desejado, ao contrário, ela sente necessidade e deseja algo porque antes a experiência do mesmo foi prazerosa. Em outras palavras, o desejo é um conceito derivado e “supõe, para que se instaure, a sua soldagem ao campo representativo”. Soldagem que se dá pelo modo como somos afetados. “Ele é sempre *desejo de ... algo*” que ocasionou *prazer* (MONZANI, 2011, p. 233) (grifos nossos).⁶

Junto com a primazia atribuída ao par prazer/desprazer como princípio da vida mental, Condillac reivindica o papel do tato na origem da ideia de extensão e de corpo. Sem a intervenção deste sentido, o prazer diz respeito apenas à imaginação: é porque a sensação foi prazerosa que é desejada sua recuperação enquanto sensação. Sem o tato, a experiência da estátua restringe-se a meras sensações e lembranças dessas enquanto modificações do próprio ser, ou seja, sem referência a objetos.

De maneira diversa, uma vez constituída a objetividade pela combinação de sensações táteis e movimento, o princípio de prazer/dor irá orientar o pensamento e a ação em busca de objetos prazerosos e no afastamento dos desprazerosos não ficando restrito ao âmbito das vivências mentais (CONDILLAC, 1993, p. 130). Por conseguinte, os objetos são bons ou maus, belos ou feios segundo o prazer ou desprezer que provoquem.

⁶ Nesse sentido, a necessidade – decorrente de um mal-estar surgido da comparação entre um desprezer atual e os prazeres de que gozou anteriormente (Condillac, 1993, p. 71) – devém desejo quando ligada à representação do objeto que a satisfaz (*Ibid.*, p. 79).



Disso decorre que o princípio de prazer também baliza e promove toda conduta, não somente o que concerne à vida mental (*Ibid.*, p. 134).

4. Ligação de ideias ou prazer?

Em uma primeira consideração, no *Ensaio* e no *Tratado*, Condillac postula dois princípios diferentes e independentes entre si. Todavia, como já mencionado, em *A arte de pensar*, Condillac volta a afirmar que é pela ligação de ideias que o sistema operativo da alma se desenvolve, sendo o princípio tanto da loucura quanto da razão (CONDILLAC, 1947, v. I, p. 757). Como devemos entender tal retomada da tese do *Ensaio* uma vez que Condillac declara ter escrito o *Tratado* como revisão daquele?

No que concerne ao *Ensaio*, a dificuldade maior para compreender o estatuto de princípio atribuído à ligação de ideias reside no requisito desta operação dever ser, não apenas princípio explicativo, mas também o início do conhecimento. Com efeito, como antes mencionado, a noção condillaquiana de princípio supõe tanto o caráter determinante de conhecimentos e operações mentais quanto a condição de ser a origem ou o início dos mesmos. Segundo a interpretação de Marion Chottin, a ligação de ideias só pode ser considerada princípio do conhecimento na medida em que é a “primeira experiência na ordem da análise”, ou seja, a última à qual o espírito pode remontar na gênese empirista. O que não quer dizer que seja a origem do conhecimento em sentido estrito (CHOTTIN, 2014, p. 13).

Dirimir a questão requer, em primeiro lugar, considerar a diferença entre a sensação ou percepção – como mera impressão sensível, instável e passageira – e a ideia – como imagem de objetos – (CONDILLAC, 2014, p. 163). À medida que os objetos exteriores agem sobre nós, recebemos pelos sentidos diferentes impressões que requerem para se constituírem como ideias de diversas operações como atenção, reminiscência, memória, mas em especial da reflexão: “... percepções que jamais foram objeto da reflexão, não são propriamente ideias” (*Ibid.*, p. 163). Embora tenhamos consciência de todas as percepções, nem todas são retidas, nem todas chegam a constituir ideias.

Isso leva, em segundo lugar, à distinção entre a ligação de sensações simples, estabelecida pela atenção em função das circunstâncias, paixões e temperamento (*Ibid.*, p. 87), e a ligação de ideias, mediada pela reflexão e pela ligação entre signos e ideias. Como antes mencionado, no *Ensaio*, a ligação de ideias depende da ligação entre ideias e signos como sua condição de possibilidade e de estabilidade: o signo permite reunir a unicidade do significante com a multiplicidade das propriedades, engendrando a ideia complexa (*Ibid.*, p. 153).

Chottin observa que somos conscientes de ligar ideias, mas não de ligar sensações simples. As percepções ligadas pela atenção que estariam no início do conhecimento não são experiências atuais. Em nosso espírito, antes ou aquém das ideias – enquanto imagens de objetos – ligadas entre si, existem as percepções enquanto dimensão sensível não-representativa “que certamente ainda não é da ordem do conhecimento, mas que constitui aquilo a partir do qual podemos engendrar esse último” (CHOTTIN, p. 13). De acordo com a autora, esses átomos sensíveis e a sua ligação são uma origem irremediavelmente perdida (*Ibid.*, p. 7) da qual restam certas ideias. Consequentemente, no *Ensaio*, Condillac teria dissociado o caráter de princípio explicativo da condição inicial do conhecimento em sentido estrito (*Ibid.*, p. 18).

Nesse ponto, é notável a ambiguidade em que incorre o filósofo na sua apresentação do princípio, pois, ao atribuir precedência temporal à ligação dos signos com as ideias, torna “repentina e paradoxalmente” a ligação de ideias entre si uma noção derivada (CHARRAK, 2003, p. 39) o que depõe contra a sua postulação como princípio. De acordo com Charrak, essa espécie de indecisão por parte do filósofo poder-se-ia entender



em função da relevância para seu projeto empirista de manter a distinção, mesmo que provisória, entre a ligação rudimentar e instável entre percepções e a ligação de ideias propriamente dita (*Ibid.*, p. 40). Com efeito, distinguir entre ambos os tipos de ligação condicionando a ligação de ideias a um terceiro tipo, i.e., o da ligação com signos, pode ser entendido como tentativa de preservar o propósito reducionista de fazer surgir a atividade no espírito da passividade primitiva da sensação (CHARRAK, 2009, p. 68).

Não obstante, se garantir a origem da atividade do espírito exclusivamente da passividade da sensação é importante, encontrar um único princípio do qual derivem todas as ideias e operações da alma também o é. Como dito anteriormente, o projeto condillaquiano busca superar o empirismo de Locke, que defende como fontes independentes do conhecimento tanto as sensações quanto a reflexão, através de um único princípio que seja fato inicial e determinante de toda a vida mental. Nesse sentido, o questionamento em torno ao caráter inicial da ligação de ideias teria sido central na decisão de revisar a sua postulação como princípio e a de estabelecer o prazer como tal. À diferença da ligação de ideias, este último faz parte desde o início da experiência sensível. Tratar-se-ia, então, da substituição de um princípio por outro?

Ora, entre os princípios de 1746 e de 1754, parece haver uma vinculação tão íntima que levanta suspeitas acerca da verdadeira relação entre ambos. Em primeiro lugar, embora Condillac se proponha no *Ensaio* apenas desenvolver o que diz respeito ao entendimento, a ligação de ideias se estabelece fazendo referência ao âmbito das necessidades, desejos e prazeres (CONDILLAC, 2014, p. 96). Como observa Monzani, o abade afirma “periodicamente que são as nossas necessidades (*besoins*) que orientam a ligação de ideias” sem, no entanto, dar maiores explicações nem extrair as consequências disso (MONZANI, 2011, p. 206). Em segundo lugar, no *Tratado*, a maneira como o princípio de prazer determina o curso da história individual consiste em estabelecer ligações entre as diferentes sensações e ideias. Com efeito, as ligações alinhavam as experiências: das sensações agradáveis ou desagradáveis de objetos, formam-se as necessidades e os desejos correspondentes; por sua vez, a repetição de pensamentos e ações ligados à satisfação desses, leva à formação dos hábitos correlativos.

Presente desde o momento em que tem lugar a primeira sensação, o prazer vai se constituindo enquanto princípio ao mesmo tempo em que vai determinando o curso das sucessivas transformações. Desse modo, a sucessão de ideias e suas diversas conexões orientam-se pelo prazer e pela dor. Em palavras do filósofo: “Quando ela tiver notado que pode deixar de ser o que é para voltar a ser o que foi, veremos seus desejos nascerem de um estado de dor, que ela irá comparar a um estado de prazer que a memória lhe lembrará” (CONDILLAC, 1993, p. 65). Como observado na seção anterior, o desejo se constitui através de um circuito associativo entre a lembrança de um certo mal-estar, a de um objeto prazeroso e a de recuperação de bem-estar.

Nesse ponto, é importante notar a diferença de concepção respeito ao *Ensaio*: a capacidade de lembrar é entendida como cadeia de ideias ligadas entre si, mas que não mais depende de signos. Lembremos como a memória é descrita no *Tratado*:

Uma sequência de ideias que formam uma espécie de cadeia. É essa ligação que fornece os meios de passar de uma ideia a outra, e de lembrar as mais afastadas. Por conseguinte, só se recorda uma ideia tida há algum tempo por se relembrares com maior ou menor rapidez as ideias intermediárias. (*Ibid.*, p. 69)

Ora, concebida como cadeia de ideias ligadas entre si, a memória é dirigida pelo prazer:

Na segunda sensação, a memória de nossa estátua não tem escolha: não pode senão lembrar a primeira. Ela agirá apenas com mais força, conforme seja determinada a isso pela vivacidade do prazer e da dor. Mas quando houve uma sequência de modificações, a estátua, conservando a lembrança de um grande número delas, será levada a lembrar preferivelmente as que mais podem contribuir para sua felicidade: passará rapidamente pelas outras, ou se deterá nelas apenas a contragosto. (*Ibid.*)



Assim, o prazer adquire sua dimensão de princípio ao estabelecer ligações mais ou menos intensas que criam as cadeias da memória e da imaginação, que determinam os desejos e que orientam a evocação de lembranças por caminhos preferenciais dentre essas diversas cadeias. Poder-se-ia dizer, então, que o *modus operandi* do princípio de prazer é a ligação de ideias. Como observa Monzani, o princípio funciona no encadeamento estabelecido pela ligação de ideias determinando a ordem da sequência das mesmas, criando sequências paralelas e laterais de modo a introduzir a teleologia do processo orientada à evitação da dor e à busca do prazer (MONZANI, 2011, p. 237).

Enquanto que a dimensão inicial da ligação de ideias resulta problemática – como assinalado por Charrak e Chottin –, o prazer se faz presente desde a primeira sensação tendo força impulsora já com a primeira lembrança e ligando os diversos elos das cadeias de ideias da memória e da imaginação entre si. Dessa maneira, prescindir dos signos na definição da memória no *Tratado* permite que esta, junto com a imaginação, supra o papel de condição de possibilidade e de estabilidade antes atribuído aos signos em relação à ligação de ideias (*Ibid.*).

Publicado pouco tempo após o *Tratado das sensações*, o *Tratado dos Animais* retoma a gênese da vida mental a partir das sensações. Lemos na sua conclusão o enunciado da relação complementar entre o princípio de prazer/dor e a ligação de ideias:

O prazer e a dor a conduzem em todas as suas transformações. É por eles que a alma apreende a pensar para ela e para o corpo e que o corpo apreende a mover-se para ele e para a alma. É por eles que todos os conhecimentos adquiridos se ligam uns aos outros para formar as sequências de ideias que respondem a necessidades diferentes e que se reproduzem todas as vezes que as necessidades se renovam. É por eles, em uma palavra, que o animal goza de todas suas faculdades. (CONDILLAC, 1947, p. 379)

Tanto o ser humano quanto os demais animais passam pelo mesmo processo de gênese das faculdades cujo ponto de partida é a capacidade de sentir e o que determina seu curso é o par prazer-dor ligando sensações e ideias. Parafraseando o filósofo, podemos dizer que as faculdades nascem da sensação, engendram-se pelo prazer-dor e se exercem por meio da ligação de ideias orientada por este⁷.

5. Avatares do princípio do prazer/dor

Na medida em que o número de hábitos da estátua é restrito, o prazer é um guia afinado com a natureza, sentindo-se como prazeroso somente aquilo que contribui à conservação. Porém, o aumento de experiências cria novas ligações das quais resultam novos e mais diversificados desejos. Cada necessidade passa, então, a ter mais de um objeto que a satisfaz gerando preferências que, por sua vez, criam novos hábitos progressivamente mais afastados do estritamente necessário em termos naturais. Mediante o exemplo dos alimentos, Condillac afirma:

Mas o juízo é bom, é excelente, é melhor do que qualquer outro, converte em necessidade a sensação que pode ser produzida por um fruto. Então o que basta para alimentá-la já não basta a seu prazer. Há nela [na estátua] duas necessidades, uma causada pela falta de alimento, a outra pela falta de um sabor que merece preferência; esta última é uma fome que a engana vez por outra, levando-a a comer mais do que necessário. (CONDILLAC, 1993, p. 216)

7 No final do *Tratado dos Animais* diz: “Mas, ainda que o sistema de suas faculdades e de seus conhecimentos seja sem comparação o mais estendido de todos, ele faz parte desse sistema geral que envolve todos os outros seres animados; desse sistema, onde todas as faculdades nascem de uma mesma origem, a sensação; onde elas se engendram por um mesmo princípio, a necessidade; onde elas se exercem por um mesmo meio, a ligação de ideias” (Condillac, 2004, p. 200). Lembremos que, para Condillac, a necessidade se origina do prazer/desprazer: “...ela conhece necessidades apenas porque compara a dor que sofre com os prazeres que gozou” (Condillac, 1993, p. 71).



Com a comparação entre graus de prazer nasce um novo tipo de necessidade decorrente da preferência do objeto *mais* prazeroso de modo que não mais se trata de uma necessidade básica, mas de desejos específicos e derivados. Condillac adverte que uma vez ultrapassada a barreira do naturalmente necessário, os limites se afrouxam e o excesso banaliza a sensação agradável que inicialmente produzira um objeto.

Disso decorre uma frustração que exacerba o desejo em busca de um prazer que já não é mais atingido. Assim, os excessos seriam extravios de hábitos contraídos sobre a base da preferência e da expectativa de recuperar um prazer “incessantemente lembrado pela imaginação, e que sempre lhe escapa” (CONDILLAC, 1993, p. 217). Face a tal situação, a natureza reserva à dor o papel preventivo de refrear excessos prejudiciais ao uso das faculdades e, em última instância, à conservação. Resultado disso, a estátua condillaquiana aprende a satisfazer seus desejos com prudência, evitando os excessos (*Ibid.*, p. 217).

Nesse sentido, o princípio de prazer passa por um processo de constituição⁸: se numa primeira etapa, os desejos de objetos prazerosos se encontram em harmonia com o que naturalmente convém à conservação, em uma segunda etapa, quando seguir o prazer deixa de ser garantia indubitável de bem-estar, a dor adquire o papel decisivo de alertar acerca dos perigos introduzindo a necessidade da deliberação prévia ao agir. À diferença dos animais, o homem é capaz de adiar mediante deliberação a obtenção imediata e direta de prazer no caso de que esta acarrete alguma ameaça ou prejuízo para o indivíduo.

Pode-se dizer então que, ao ampliar as experiências e respectivas ligações, o princípio de prazer e dor sofre modificações em função das quais não mais se trata de perseguir cegamente sensações apazíveis, mas de buscar, com base no cálculo prudencial, a experiência *mais prazerosa possível para o próprio bem-estar*.

Traduzidas em termos prescritivos as etapas pelas que o princípio se constitui, à primeira formulação corresponde a recomendação de buscar aquilo que se apresenta como prazeroso pois reflete uma regulação natural e imediata a favor da conservação. Como antes mencionado, ainda nessa primeira etapa, podemos discernir dois momentos fundamentais da gênese do princípio: no primeiro, o prazer refere-se aos modos de ser ou estados mentais da estátua. Obedecer ao princípio de prazer consiste em recuperar na memória ou na imaginação sensações sentidas como agradáveis. Já no segundo momento, o princípio pressupõe a experiência da realidade: o fim visado não mais se circunscreve ao mental, mas alcança as coisas e os corpos do mundo.

Correspondente à sua segunda etapa, a formulação do princípio supõe a prescrição de uma deliberação que equacione circunstâncias, intensidades e riscos, representando uma regulação refletida – não mais natural e imediata – que, apesar de seu *telos* continuar sendo a obtenção de prazer, pode exigir renúncia e postergação devido à diversificação dos possíveis objetos de satisfação. A sintonia com a natureza está doravante interrompida. Se na primeira formulação se trata de um princípio compartilhado com os outros animais, na segunda, o princípio passa a reger exclusivamente a vida do ser humano fora dessa espécie de paraíso que supõe a harmonia com a natureza.

A ampliação da divergência entre homens e animais, é descrita no *Tratado dos Animais* com base na linguagem de instituição, própria da vida em sociedade. Nesse sentido, as possibilidades de expressão e comunicação criadas tornam ainda mais complexa cada vivência. Em geral, a maior quantidade de ideias e ligações diversifica os tipos de prazeres experimentados e, portanto, também as necessidades e os desejos decorrentes desses (CONDILLAC, 2004, p. 183). Em particular, os homens observam-se ao longo da existência e, como não

8 Sintetizamos aqui o que consideramos o processo de constituição do princípio do prazer. Para uma exposição mais detalhada dessa ideia, cf. Ibertis, 2019, p. 111-115.



estão limitados na sua linguagem, eles se dizem reciprocamente como se sentem, apreendendo mutuamente como as forças crescem, após, como elas diminuem e, finalmente, se extinguem. Ou seja, chegam a conhecer o significado da morte. Com isso, o homem não se restringe a evitar a dor, mas ele deseja, agora conscientemente, a sua própria conservação sob as múltiplas formas que pode adotar o amor-próprio (*Ibid.*, p. 184). Ora, a especificidade deste sentimento nos seres humanos faz surgir paixões que o restante dos animais desconhece, mas também apresenta caráter virtuoso ou vicioso pelo conhecimento do dever e dos princípios da lei natural. Desta diferença nascem penas e prazeres ignotos para os animais, pois a virtude é fonte de sentimentos agradáveis e as inclinações viciosas, fonte de sentimentos desagradáveis (*Ibid.*, p. 184-185).

Conforme com o anterior, a renovação e a proliferação de necessidades e desejos em função do convívio social e da linguagem alcançam tal magnitude que a própria atividade de desejar se torna a necessidade mais premente de todas. Em palavras de Condillac:

Desde então, não é mais possível cumprir todos nossos desejos: ao contrário, dando-nos a fruição de todos os objetos desejados, se nos deixaria na impotência de satisfazer a mais intensa de todas as nossas necessidades, a de desejar. Tiraríamos de nossa alma essa atividade que se tornou necessária a ela, ficaríamos apenas com um vazio avassalador, um tédio de tudo e de nós mesmos. [...] Dessa forma nossas paixões renovam-se, sucedem-se, multiplicam-se e nós não vivemos senão que para desejar e enquanto desejamos (CONDILLAC, 2004, p. 185).

Assim, do princípio que determina evitar a dor e procurar o prazer nascem as paixões em todos os seres capazes de sentir, porém, de movimentos comuns com os animais transformam-se pela inteligência em vícios ou virtudes nos seres humanos e destes nascem novos prazeres e desejos. No processo, a linguagem proporciona aos homens a vantagem de poder acumular conhecimentos que, geração trás geração, desembocam na criação das artes e das ciências que, por sua vez, provocam novos prazeres e, conseqüentemente, novos desejos e paixões (*Ibid.*, p. 200).

6. Para finalizar...

Sob a ótica da noção de princípio tal como a concebe Condillac, examinamos a relação entre o *Ensaio* e o *Tratado* procurando resolver o que se apresentava inicialmente como a disjuntiva excludente entre a ligação de ideias e o prazer. A leitura atenta deixa claro, em primeiro lugar, que, à despeito da identificação como princípio, ambas obras atribuem um papel de destaque tanto à ligação de ideias quanto ao prazer; em segundo lugar, que o impasse em torno ao estatuto de princípio da ligação de ideias surge a raiz da dependência com a ligação entre ideias e signos, não cumprindo, então, a condição de ser inicial; em terceiro lugar, que a saída do impasse se dá pela via alternativa da conciliação pela qual o rumo da ligação de ideias é estabelecido pela experiência de prazer/desprazer; por último, que o prazer, enquanto princípio, não apenas governa a vida mental através da ligação de ideias, mas também se constitui por meio desta. Nesse sentido, nossa análise defende a tese da cooperação entre a ligação de ideias e a experiência de prazer/desprazer que, presente timidamente no *Ensaio*, ganha a sua formulação precisa e contundente no *Tratado*.

Se seguirmos Monzani na ideia de inverter a ordem de leitura dos textos, do *Tratado* ao *Ensaio* (2011, p. 207), e consideramos junto o *Tratado dos Animais*, vemos completar-se o ciclo da gênese dos conhecimentos e das capacidades mentais no arco que vai do estágio individual pré-linguístico ao social em que o desenvolvimento pleno da linguagem torna possível a religião, a moral e o direito⁹. Dessa perspectiva, torna-

9 A coerência interna do pensamento condillaquiano se nota, segundo Pimenta, nos textos do curso de estudos, considerados por ele o terceiro momento da obra do filósofo (2016, p. 296). Em nossa opinião, o *Tratado dos Animais* já reflete, embora de maneira incipiente, tal coerência.



se ainda mais evidente que entre 1746 e 1754 não há uma mudança radical no pensamento de Condillac que o teria levado a substituir um princípio por outro, mas um rearranjo que lhe permitiu articulá-los de forma complementar sem precisar renunciar a nenhuma das suas respectivas vantagens teóricas.

Assim considerada a relação entre o *Ensaio* e o *Tratado*, o par prazer/dor determina a orientação geral das ligações entre sensações e ideias que nos seres humanos têm seu ponto culminante através das ligações com signos de instituição. Sanado o impasse entre a postulação de um e de outro dos princípios, resta ainda assinalar as consequências acarretadas com isso. Em palavras de Monzani:

No *Traité* o teórico subordina-se definitivamente ao prático e é na camada das afecções mais originárias (dor/prazer), das necessidades e dos desejos que brota um sentido original, primordial, balbuciante, num certo sentido, mas que será determinante. A potência do signo e da linguagem assim como a sua importância são, sem dúvida, mantidas, mas alocadas num outro nível, num que é derivado. De agora em diante o homem é um ser essencialmente movido pelo prazer, pela necessidade e pelo desejo. (MONZANI, 2011, p. 256)

Questionar o estatuto de princípio atribuído por Condillac à ligação de ideias ou ao prazer concerne não apenas à relação entre o *Ensaio* e o *Tratado*, mas também remite à reviravolta na concepção geral acerca do sujeito introduzida neste último. Segundo a interpretação de Monzani – mais próxima, nesse ponto, à de Cassirer do que a de Deprun – Condillac altera a maneira clássica de conceber a relação entre vontade e entendimento ao outorgar, no *Tratado*, preeminência à primeira sobre o segundo.

Cassirer defende que em Condillac nos deparamos pela primeira vez com uma atitude voluntarista pois “a vontade deixa de ser causada pela representação, passando esta a ser causada por aquela” (CASSIRER, 1994, p. 147). Exemplos disso são a atenção, que segue ao ato de perceber e destaca certos dados sensíveis do conjunto, e a memória, que resgata umas lembranças e não outras. Ambas, como também as demais operações, se orientam por necessidades e inclinações, i.e., pelo interesse determinado com base no que é proveitoso para a própria conservação. Com efeito, o direcionamento da vida mental requer uma razão da qual a esfera puramente teórica, ao contrário da prática, não dá conta (*Ibid.*, p. 148-149).

Por sua vez, Deprun salienta que para o desejo nascer de um mal-estar provocado pela ausência de um objeto considerado agradável, o decisivo é o juízo implicado nisso e, portanto, o fundamental é a esfera da representação. Dessa perspectiva, poder-se-ia caracterizar a posição de Condillac como intelectualista (DEPRUN, 1979, p. 200-201). Para dirimir a questão, Monzani distingue dois níveis: o primeiro diz respeito à constituição do desejo pela experiência prazerosa ou desprazerosa; o segundo, uma vez definido o objeto de desejo, a sua representação aciona a necessidade e/ou o desejo. Se o primeiro parece dar a razão à posição voluntarista, o segundo a concede à intelectualista. Porém, como observa Monzani, sendo o campo representacional instaurado pela experiência de um objeto prazeroso, a tese de Cassirer coaduna-se melhor com a concepção condillaquiana do *Tratado* (MONZANI, 2011, p. 244-245).

Ao que tudo indica, a modificação acerca do princípio introduzida no *Tratado* excede largamente a questão pontual da alternativa entre ligação de ideias e prazer/desprazer. O que poderíamos interpretar como uma dificuldade que demanda apenas o ajuste de como definir o caráter complementar de ambos fenômenos redundante, na verdade, em uma das mais significativas mutações de perspectiva acerca do sujeito. Com efeito, o recuo na explicação da gênese da vida do espírito que significa o recurso à ficção da estátua esboça uma antropologia subjacente a todas as operações da mente estabelecendo causas mais profundas não só de nossas ações, mas, também do conhecimento (SALLES, 2016, p. 5).

Acerca do alcance dessa mudança, em *Desejo e prazer na idade moderna*, Monzani nos oferece a chave interpretativa segundo a qual as diversas escalas hierárquicas em que se inserem os pares de opostos amor/

ódio, desejo/aversão, prazer/desprazer estruturam as principais mudanças na maneira de conceber a vida passional (MONZANI, 2011, p. 248). Nesse sentido, a nova compreensão do ser humano introduzida por Condillac no *Tratado* funda-se em última instância na reviravolta que supõe considerar o prazer/desprazer como o solo originário a partir do qual se define o restante¹⁰. Em palavras do autor:

Com ele [Condillac], o pressuposto central da filosofia clássica vem abaixo. Deixa-se definitivamente de se pensar na preexistência de um bem objetivo do qual o sujeito deve necessariamente acercar-se e abandona-se também a tese correlata do primado do representacional sobre o volitivo. A partir do *Traité*, com uma clareza talvez nunca atingida anteriormente, todo o domínio da vida espiritual (tanto no plano do entendimento, como no plano da vontade) está subordinado a isso que podemos denominar o princípio do prazer. (*Ibid.*, p. 250-251)

Vemos delinear-se a meados do século XVIII uma concepção da subjetividade que chega até hoje. Nela, o papel constituinte do prazer na estruturação do sujeito resulta “uma das heranças mais problemáticas e originárias que a época moderna nos legou. Das mais espinhosas também” (*Ibid.*, p. 257).

REFERÊNCIAS

BERTRAND, A. (2002). *Le vocabulaire de Condillac*, Paris : Ellipses.

_____. (2002). *Condillac, l'origine du langage*. Paris: PUF.

CASSIRER, E. (1994). *A Filosofia do Iluminismo*. Trad. Álvaro Cabral. Campinas: Unicamp.

CHARRAK, A. (2003). *Empirisme et métaphysique : l'Essai sur l'origine des connaissances humaines de Condillac*. Paris: Vrin.

_____. (2009). *Empirisme et théorie de la connaissance. Réflexion et fondement des sciences au XVIIIe siècle*. Paris : Vrin.

_____. (2014). “Liaison des idées et variété des esprits: de Malebranche à l'empirisme des Lumières”. *Astérior*, 12 | 2014, p. 1-9.

CHOTIN, M. 2014. “La liaison des idées chez Condillac: le langage au principe de l'empirisme”. *Astérior*, 12 | 2014, p. 1-18.

CONDILLAC, E. (1947). *Oeuvres Complètes*. 3 vols. Ed. Georges Le Roy. Paris: PUF.

_____. (2014). *Essai sur l'origine des connaissances humaines*. Ed. Jean-Claude Pariente et Martine Pécharman. Paris: Vrin.

_____. (2004). *Traité des animaux*. Ed. Michel Malherbe. Paris: Vrin.

_____. (1993). *Tratado das sensações*. Trad. Denise Bottmann. Campinas: Unicamp.

_____. (2018). *Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos. Arte de escrever*. Trad. Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Unesp.

¹⁰Monzani observa que à concepção clássica da vida passional corresponde a escala em que o par amor/ódio é o fundamental a partir do qual se definem desejos e prazeres. De acordo com a mesma análise, Hobbes opera a primeira grande mutação elevando o par desejo/aversão a esse lugar originário. Desse ponto de vista, Condillac opera a segunda grande mutação ao atribuir caráter fundante ao prazer/desprazer.



- _____. (2016). *Lógica e outros escritos*. Trad. Fernão Oliveira Salles, et al. São Paulo: Unesp.
- _____. (2022). *Tratado dos Animais*. Trad. Lourenço Fernandes Neto e Silva. In: *A inteligência dos animais*. São Paulo: Unesp.
- DEPRUN, J. (1979). *La philosophie de l'inquiétude en France au XVIIIe siècle*. Paris: Vrin.
- DERRIDA, J. (1973). *L'archéologie du frivole. Lire Condillac*. Paris: Denoël Gonthier.
- DUCHESNEAU, F. (1999). "Condillac et le principe de liaison des idées". *Revue de Métaphysique et de Morale*. No. 1, Jan.-Mar., p. 53-79.
- IBERTIS, C. (2019). "Condillac e Freud: o prazer enquanto princípio". In MONZANI, L. R.; SORIA, A. C. S. (Orgs.). *Freud: Filosofia e Psicanálise*. São Carlos: UFSCar.
- MONDOLFO, R. (1902). *Un psicologo associazionista*. Palermo: Remo Sandron.
- _____. (1963). Estudo preliminar. In Condillac, *Tratado de las sensaciones*. Trad. Gregorio Weinberg. Buenos Aires: Eudeba.
- MONZANI, L. R. (2011). *Desejo e prazer na Idade Moderna*. Curitiba: Champagnat.
- _____. (1993). "O empirismo na radicalidade: Introdução à leitura do *Tratado das sensações*". In: Condillac, *Tratado das sensações*. Trad. Denise Bottmann, Campinas: Unicamp.
- PIMENTA, P. P. (2016). "Origem dos signos e metafísica primeira". In: Condillac, *Lógica e outros escritos*. Trad. Fernão Oliveira Salles et. al. São Paulo: Unesp.
- _____. (2018). "Condillac e a crítica da metafísica; ou, rumo a uma ciência sem nome". In: Condillac. *Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos. Arte de escrever*. Trad. Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Unesp.
- ROUSSEAU, N. (1986). *Connaissance et langage chez Condillac*. Genebra: Droz.
- SALLES, F. de O. (2016). "Empirismo e linguagem em Condillac". In: Condillac, *Lógica e outros escritos*. Trad. Fernão Oliveira Salles et al. São Paulo: Unesp.
- _____. (2018). "Empirismo e metafísica em Condillac". In: Condillac. *Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos. Arte de escrever*. Trad. Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Editora Unesp.
- SGARD, J. (1982). *Condillac et les problèmes du langage*. Genebra-Paris: Slatkine.